

As “vírgulas vagabundas” de Euclides da Cunha – Depoimento sobre a edição crítica de *Os sertões*¹

Walnice Nogueira Galvão

O ano de 2016, entre outros fatos, marcou para mim uma nova edição crítica de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. É uma reedição, embora os editores tenham preferido não mencionar isso em lugar nenhum. De fato, é a quarta edição, mas os editores decidiram que, como essa tinha algo que as outras não têm, a Fortuna Crítica por exemplo, não era uma reedição. Então direi umas rápidas palavras sobre essa edição crítica.

Há normas pelas quais quem prepara uma edição crítica deve-se nortear no mundo inteiro, e isso é uma ciência chamada Ecdótica, que vem da Antiguidade. Homero, aliás, foi a causa das primeiras edições críticas, da *Ilíada* e da *Odisseia*, bem entendido. Existem essas normas que norteiam as diferentes edições, mas cada uma delas cria problemas diferentes, específicos, idiossincráticos. E o organizador, o preparador tem que prestar atenção nessas peculiaridades e atender a essas exigências do texto.

No caso do Euclides da Cunha, temos três edições de *Os sertões* que foram corrigidas em vida por ele. E a partir daí, houve uma série de outras edições, mas todas com erros. Euclides dedicou-se tanto a – como se dizia naquele tempo – escoimar de erros o livro, e mesmo assim depois acrescentaram outros, que durante muito tempo foram sendo repetidos. Quando falo nessas três edições que ele corrigiu pessoalmente, falo de muitas correções: ele efetuou mais ou menos dez mil emendas, e pude coletar 180 páginas de variantes. Quer dizer, ele trabalhou com afinco, era obcecado por seu próprio trabalho, pela perfeição que visava e que almejava alcançar.

Gostaria de lembrar também que as emendas de Euclides são todas estilísticas. Embora seu livro se baseie na narrativa de uma guerra, ele não está interessado em corrigir informações. As informações melhoraram em larga medida depois da Guerra de Canudos, quando surgiram abundantes materiais. Euclides,

¹ Na véspera do depoimento ao lado de Sílvio Tendler, na série *Cultura Brasileira Hoje: Diálogos*, Walnice Nogueira Galvão participou do lançamento, na Fundação Casa de Rui Barbosa, da sua edição crítica de *Os sertões* e da edição do *Diário de uma viagem à Filadélfia*, preparada pela pesquisadora Tania Dias. Muitos dos debatedores estiveram presentes aos dois eventos, e a intervenção de Walnice, no primeiro dia, aqui transcrita, ecoou em muitas das questões levantadas no dia seguinte.

no entanto, não tomou conhecimento; ele queria aperfeiçoar seu estilo, era só isso que ele visava. Embora nunca tenha feito uma declaração nesse sentido, quando se faz a coleta das emendas é o que vem à tona. O que ressalta dessas dez mil emendas? Em primeiro lugar, 100% é esse alvo do estilo, de que eu falei.

Mas é muito curioso também como as emendas vão se definindo conforme padrões. Meu trabalho levou oito anos para ser feito, mas os quatro primeiros anos foram de um tédio total, porque eu estava trabalhando no meio do caos; não sabia bem o que era nem onde iria parar, anotava que sobrava uma vírgula aqui, que faltava uma vírgula acolá, mas aquilo é um caos, não faz sentido. Agora, quando, mais ou menos ali pelo quinto ano, aquele caos começa a se definir em padrões que se repetem, que fazem tremendo sentido, aí sim, aí você pode ter um acesso de onipotência. Porque é uma delícia, é das melhores coisas possíveis de imaginar, na vida profissional.

Então, o que Euclides mais faz? Na classificação canônica das emendas, qual é a emenda predileta dele? É a *substituição*. Ele está sempre substituindo uma palavra por outra. O que até aí não é nada demais. Mas quando, por exemplo, ele começa a riscar a palavra *estrada* e substituir por outra, você percebe que não se trata de uma gestão inocente, e é importante analisar quais são as palavras pelas quais ele substitui a palavra *estrada*. Ele substitui por *trilha*, *caminho*, *vereda*; e é óbvio, embora ele não diga nada, é óbvio que não tinha nenhuma estrada no sertão. Todas as vezes que ele escrevia *estrada*, e depois emendava por outra coisa, fazia muito sentido. Essa foi uma das palavras com que ele implicou. Essa é uma das emendas prediletas dele.

Mas não é só a emenda de substituição. Ele tem uma emenda menor ainda do que a da substituição: em vez de substituir uma palavra por outra, ele começa a substituir um sufixo. Começam a surgir as emendas em que ele corta o sufixo das palavras que terminam em *-ado*, como o particípio passado. Então ele começa a riscar *-ado*, *-ada*, *-ados*, *-adas* e a substituir por outra coisa, a modificar parcialmente. Pode modificar por sinonímia, por exemplo: em vez de dizer *estava parado*, ele diz *não se movimentava*: aí é uma boa substituição. A certa altura, a acumulação é tão intensa que não dá para ignorar que ele está perseguindo aquilo que em poética se chama eco, ou seja, excesso de rima interna. O ouvido dele não aprova o eco em *-ado*. Ele pode substituir por várias outras coisas, inclusive apenas acrescentando uma letra, um fonema, transformando o particípio passado em gerúndio. É o que ele faz com abundância, e tem um efeito estilístico enorme, que é tornar o épico presente na hora da leitura. Isso é uma estratégia de

envolvimento do leitor e que foi sistematicamente feita por Euclides ao longo da correção de três edições.

Outro ponto que acho interessante é o seguinte: a princípio, Euclides usava muito a ênclise, em que o pronome vem *depois* do verbo. E a certa altura começa a trocar a ênclise pela próclise, vindo o pronome *antes* do verbo. Somando essa emenda com outras, em que ele desmancha *cujos*, e põe a forma analítica *o seu, a sua*, etc., e transforma a forma sintética *lhe* em *a ele*, etc.: juntando tudo isso e mais algumas outras coisas, você percebe que ele está abasileirando o discurso. Quer dizer, quem usa a ênclise é português, quem usa a próclise é brasileiro. Quem usa *cujos* e *lhe* é português, quem usa *o seu, a sua, dele, dela*, é brasileiro. E isso ele faz a contragosto, e inconscientemente, na minha opinião, embora não se tenha base nenhuma para essa afirmação. Porque ele queria escrever castiço, e mesmo classicizante. Euclides lia muito os portugueses oitocentistas, e tentava escrever daquela maneira. E de fato escreve, a gente percebe isso até hoje. No entanto, sem querer, ele vai corrigindo essas formas que mencionei para as formas brasileiras.

É uma época de grande discussão sobre esses assuntos. Nessa virada de século, há uma polêmica enorme sobre a colocação de pronomes, aberta entre os classicistas e os modernistas, como eles chamavam. De certa maneira, ele está abrindo caminho, embora os modernistas propriamente ditos, os de 1922, não tenham percebido isso e o detestassem. E como é que Euclides está abrindo caminho para eles? Porque está usando um discurso mais abasileirado, e isso vai ser um cavalo de batalha dos modernistas. Deu para entender mais ou menos por alto como isso se passa?

Querida lembrar ainda que era conhecida sua reputação de emendador compulsivo, que fez dez mil emendas etc. Falava-se que Euclides tinha feito correções obsessivas e que, inclusive, na primeira edição, andou raspando a canivete tudo aquilo de que não gostava e que queria modificar. Fui atrás dessa história porque um falava em 80 emendas, outro falava em mil emendas, outro falava em 50 etc. Fui atrás e de fato constatei que, dos exemplares da primeira edição que pude consultar, todos tinham essas correções de raspagem. Não devia ser com canivete, porque naquela época se usava uma peça que tinha nome francês, chamava-se *gnattoir*, que é do verbo *gnatter*, que quer dizer *raspar*. Era um pequeno raspador usado exclusivamente para isso, pois as pessoas escreviam com tinta e tinteiro, então eram muito comuns os borrões e os pingos fora do lugar, afora os erros. Se errava, tinha que raspar, não tinha outro jeito. Esse instrumento só tem em museu hoje, não existe mais. Mas enfim, ele fez isso sim. E não deve ter feito sozinho, deve ter tido um grupo grande. Embora não haja registro nenhum, deve ter tido um grupo para

ajudá-lo em cima da primeira edição. E dá para perceber, embora sejam coisas minúsculas: só rasparam til, acento agudo, crase e vírgula. Eram coisas realmente minúsculas. Dá para perceber, porque o papel fica mais transparente, perde uma camada quando é raspado. E essas correções são as mesmas em todos os exemplares da primeira edição que consultei. Quer dizer, não tem nenhuma outra fora desse pequeno grupo, são umas vinte e poucas apenas.

E mais: ainda assim dá para perceber que há várias caligrafias diferentes, na medida do possível. Por exemplo, nessas correções achei vírgulas em forma de gancho e vírgulas em forma de linha reta. Ninguém, ninguém mesmo consegue falsificar suas próprias vírgulas, pode desistir. Então pelo menos duas pessoas diferentes, ou talvez mais, trabalharam nessas correções em que se raspava com *grattoir*; e às vezes, mas não em todos os casos, se escrevia alguma coisa por cima.

O pior era a crase. A crase já era um problema mesmo naquele tempo. Corre – pode ser mentira – mas corre que Rui Barbosa teria dito o seguinte, quando perguntaram a ele por que usava tantas crases: “Para que elas não fiquem no tinteiro dos ignorantes!”. Então, Euclides também se viu às voltas com as crases, pondo e repondo muitas delas nas várias correções. Às vezes ele tirava, e na edição seguinte punha de novo aquela mesma crase, porque não era muito fixa a norma naquele tempo. Aliás não é até hoje, a crase continua sendo um problema.

Afora essas correções, gostaria de assinalar o seguinte: Euclides tem uma tendência, como vocês sabem, a uma retórica extraordinária, à altissonância, à eloquência. Trata-se da mimese de um discurso falado, está ali um tribuno defendendo uma causa, e acusando os responsáveis. Então no começo, na primeira edição, essa tendência implicava num discurso muito entrecortado, por exemplo, cheio de vírgulas e cheio de pausas indicadas por espaços para parágrafo. Ele gostava muito desse recurso, aliás continuou gostando, que é escrever um parágrafo longo, ocupando quase uma página, e depois fechar, pôr ponto final e fazer um parágrafo curtíssimo, às vezes de uma palavra só. Isso é de um efeito retórico contundente.

A certa altura alguém disse a ele, ou ele mesmo percebeu, que estava um pouco exagerado esse efeito. Por isso começou a tirar fora as vírgulas e tirar os espaços brancos dos parágrafos, tornando mais compacto o texto, tanto pela exclusão das vírgulas quanto pela exclusão dos espaços em branco dos parágrafos. Com isso, nas três edições, ele cortou fora cerca de mil vírgulas. Olha a trabalhadeira que é cortar mil vírgulas... E cortou cerca de mil espaços de parágrafo também. É curioso que numa das cartas Euclides diz que era perseguido por

“vírgulas vagabundas”. Então, se as vírgulas vagabundas o atormentavam, ele se vingou cortando fora mil delas.

De modo geral é isso que eu tinha a dizer a vocês. O trabalho é esse, parece mentira que tenha levado oito anos, mas levou. Como Tânia Dias, aqui da Fundação Casa de Rui Barbosa, também levou oito anos para fazer a edição crítica do texto do *Diário da minha viagem para a Filadélfia*, de Hipólito da Costa – que aliás traz um estudo notável sobre pontuação – podemos concluir que deve ser praxe, é uma sina, é uma praga. Vai fazer uma edição crítica? Oito anos! Pode contar com oito anos da sua vida e não reclame.

Peço licença para fazer uma nota de rodapé, para não perder o hábito. Euclides da Cunha era militar, estudou na Escola Militar, era tenente reformado do Exército quando foi fazer a cobertura da Guerra de Canudos. Eu estava extremamente envolvida com tudo isso e fui procurar um general para me desasnar. Soube que morava em São Paulo um general do Exército que tinha sido professor de Tática e Estratégia na Academia Militar das Agulhas Negras. Era o que eu queria, está certo? E, além do mais, como se não bastasse, o general era de esquerda e tinha sido cassado pela ditadura. Eu pensei: “É esse!”. Fui bater na casa dele, que me recebeu muito bem. Ele já morreu, mas sou amiga da filha dele, que é minha amiga até hoje e foi ao lançamento desta edição crítica em São Paulo. Ela se lembra de quando eu fui procurar seu pai. O nome dele era general Euryale de Jesus Zerbini, que vocês devem conhecer de nome, marido de Therezinha Zerbini, que ficou mais famosa ainda, mais tarde, como líder do Movimento Feminino Pela Anistia. Therezinha teve grande atuação na campanha pela anistia, bem como na fundação e desenvolvimento do Partido Democrático Trabalhista (PDT), aqui no Rio. Ela era, acho, uma das pessoas mais importantes do partido, afora Leonel Brizola.

Mas, enfim, o mais curioso foi que, quando bati à porta do general Zerbini, perguntei: “O senhor deve ter biblioteca sobre Tática e Estratégia, não é?”. E ele não tinha nada em casa. Tive que fazer viagens para pesquisar estratégia militar: na Biblioteca Pública de Nova York há uma boa bibliografia. E o general Zerbini não queria mais saber daquilo; ele queria conversar sobre tudo o que fosse, mas não queria ouvir falar de assunto militar. Claro, tinha sido cassado pelo golpe de 1964, havia sido preso, depois de invadirem sua casa. E tinham tomado, com ignomínia, suas insígnias. Era uma história horrorosa, como tantas que a gente conhece e que não cessaram até hoje, infelizmente. Mas ficamos muito amigos, tudo bem, ele me ajudou bastante, mesmo tendo desistido dessa parte de sua vida. Ele disse: “Fechei a porta, não tenho

mais nada a ver com isso. Agora estou inscrito na sua escola, na Faculdade de Filosofia da USP. Estou inscrito na sua escola, fazendo mestrado em filosofia, com Marilena Chauí como orientadora. E a tese tem o seguinte tema: “O corpo em Merleau-Ponty”.

Eu disse que tudo bem, achei que era ótimo para ele. E ele gostou de ter mudado de vida, teve forças para mudar de vida, num momento em que já era um homem de meia-idade. E sou muito grata a ele por causa da maneira como me recebeu. E acabei ficando amiga dele, e de sua esposa Therezinha Zerbini, e até hoje da filha. Era essa a nota de rodapé que queria fazer: sou reconhecida à ajuda que me veio de um general.